UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

CÁRILA COVAS

PROJETO DE PRODUTO MIDIÁTICO
Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária – Como Nunca Vistas

RIBEIRÃO PRETO
2022

CÁRILA COVAS

PROJETO DE PRODUTO MIDIÁTICO

Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária – Como Nunca Vistas

Projeto de produto entregue à Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos

RIBEIRÃO PRETO

2022

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

COVAS, Cárila, 2001-
C873p Projeto de produto midiático: fotolivro virtual: as marcas das jogadoras de futebol feminino da ferroviária: como nunca vistas / Cárila Covas. – Ribeirão Preto, 2022.
63 f. : il. color.

Orientador: Prof.º Dr.º Jefferson Alves de Barcellos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2022.

1. Jornalismo esportivo. 2. Fotografia. 3. Futebol feminino. II. Título.

CDD 070

Este trabalho é dedicado a minha família, que foi extremamente compreensível durante o processo da minha formação. Foi minha força e inspiração em cada etapa desse ciclo que se encerra e continuará sendo para sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio da minha mãe, Dora Covas da Silva, e do meu pai, Marcelo Antônio da Silva, que me possibilitaram um ensino de qualidade e sempre estiveram ao meu lado, me encorajaram e ajudaram no que foi preciso.

Aos meus avós, Maria Angela Anaga Covas e Mário Alberto Covas, e irmão, Rafael Covas da Silva, que são minhas maiores inspirações de vida. Aos meus tios, Marcia Cristina Covas Liberatori, Pascoal Sebastião Liberatori e Carlos Alberto Covas, por sempre vibrarem com as minhas conquistas.

Meu orientador, Jefferson Barcellos, responsável por me acompanhar nessa etapa e colaborar com todo seu conhecimento para que fosse possível construir este fotolivro.

Aos queridos da Ferroviária, Jonatan Dutra e Tiago Pavini, assessores que me auxiliaram não só na organização para que tudo fosse possível, mas também durante o processo de captação do material. Às jogadoras da Ferroviária, que confiaram em mim para que relatos fossem publicados e também pelos momentos durante as fotografias. Ao Diretor de Marketing e Comunicação da Ferroviária, Humberto Boschiero, e à Coordenadora de Futebol Feminino, Nuéli Silveira, pela abertura e confiança no meu trabalho.

Deixo minha gratidão ao meu amigo Rafael Zocco, referência no futebol feminino e mais ainda quando se trata de Ferroviária.

Agradeço também, a UNAERP e todos os professores, mestres e doutores na arte de ensinar. A todos que por mim passaram ao longo da graduação, principalmente, meus amigos Isabela Vidoto, Marissa Mendonça e Matheus Miletta, obrigada por compartilharem conhecimento e mostrar o caminho a seguir, vocês fizeram toda a diferença.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma abordagem capaz de compreender o futebol feminino através da história no Brasil, com maior ênfase no interior de São Paulo e, principalmente, por quem vive a modalidade, por meio de fotografias e relatos pessoais de onze jogadoras da Associação Ferroviária de Esportes, situada em Araraquara, no interior de São Paulo. A abordagem empregada considerou questões que variam da proibição ao 'boom' que a prática das mulheres ganhou após a realização da Copa do Mundo Feminina de 2019, na França. As narrativas foram construídas considerando-se tanto uma linha lógica quanto temporal. A aplicação da abordagem, a fotografia e métodos de entrevista permitiram a construção de um rico acervo histórico. Os métodos utilizados neste trabalho constituíram-se de entrevistas em profundidade, pesquisa bibliográfica e metodologia exploratória e descritiva, necessárias para a obtenção de dados confiáveis e informações atualizadas que mostrem a realidade da profissão de jogadora de futebol e que permitam entender por que as mulheres enfrentaram tantos obstáculos para chegarem ao topo do pódio.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Guerreiras Grenás; Jornalismo Esportivo; Representatividade; Mulheres no Futebol

ABSTRACT

This work aims to develop an approach capable of understand women's football through history and, especially, by those who live the modality, through photographs and personal reports of eleven players of the Ferroviária's Sports Association, located in Araraquara, in the interior of São Paulo. The approach used considers issues ranging from the ban to the boom that the practice of women gained after the 2019 Women's World Cup in France. The narratives were built considering both a logical and a temporal line. The application of the approach, photography and interview methods allowed the construction of a rich historical collection. The methods used in this work constituted in-depth interviews, bibliographic research and exploratory and descriptive methodology, necessary to obtain reliable data and updated information that shows the reality of the profession of football player and that allows us to understand why women faced so many obstacles to reach the top of the podium.

KEYWORDS: Photography; Sports Journalism; Representativeness; Women's Football Players.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inauguração do Estádio Pacaembu.....9

Figura 2 – Capa revista Placar.....10

Figura 3 – Primeiros registros das mulheres praticando futebol.....11

Figura 4 – Acervo Museu do Futebol.....12

Figura 5 – Brasil vice-campeão da Copa do Mundo da China.....13

Figura 6 – Primeiro título da Ferroviária na Libertadores Feminina 2015.....14

Figura 7 – Bicampeonato da Libertadores Feminina da Ferroviária.....15

Figura 8 – Representação diferença salarial no futebol em 2019.....16

Figura 9 – Sissi.....18

Figura 10 – Maravilha e Formiga após vitória sobre a Noruega.....20

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....8

1.1. FERROVIÁRIA.....23

2. METODOLOGIA.....24

3. DETALHAMENTO TÉCNICO.....26

4. SINOPSE.....27

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO.....27

6. ROTEIRO.....28

7. RELATO DE PRODUÇÃO.....29

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....30

REFERÊNCIAS 32

APÊNDICE A – RESUMO PARA O CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.....35

APÊNDICE B – ENTREVISTAS.....39

APÊNDICE C - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....54

1. APRESENTAÇÃO

Sabe-se pouco sobre o início das mulheres no futebol brasileiro. Um exemplo disso é a justificativa das organizações internacionais e federações nacionais de futebol que alegam a negligência em relação às jogadoras com base na suposta falta de tradição pelo esporte, colocando-as como recém-chegadas na modalidade (ELSEY; NADEL, 2019). Mas, qual seria, de fato, o motivo desse atraso? Contar a história do futebol feminino no Brasil vai além de lembrar de gols, recordar títulos, lances e personagens. Falar do futebol de mulheres, automaticamente, é falar de resistência, luta e persistência.

No Brasil, o futebol chegou na bagagem de Charles Miller, no final do século XIX. O estudante paulista retornou da Inglaterra em 1894 e trouxe junto com ele bolas, uniformes e um livro com as regras sobre o futebol. Rapidamente o esporte se popularizou, inicialmente de maneira elitizada já que era restrito à aristocracia da sociedade brasileira. Em seguida, o crescimento urbano fez com que as camadas populares pudessem praticar e participar da organização dos clubes, porém os negros só foram aceitos no futebol a partir do incentivo do governo Vargas, em 1920, quando ocorreu a massificação do esporte. A profissionalização dos homens nesse esporte aconteceu em 1933, 17 anos antes do Brasil sediar a primeira Copa do Mundo de Futebol. Com mais de cem anos da chegada da modalidade, o Brasil se tornou uma grande potência no futebol de homens, com cinco títulos de Copa do Mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), e os clubes brasileiros são donos de mais de 10 títulos mundiais – entre Intercontinental e Mundial de Clubes –, além de troféus Sul-Americanos e Copa Libertadores da América.

Menos de um mês após a inauguração, em 17 de maio de 1940, o Estádio Pacaembu (Figura 1), em São Paulo, foi palco do primeiro jogo de futebol feminino (Correio Paulistano-SP, p. 16. 19/05/1940). Mas, ao invés de incentivar a prática, essa aparição gerou revolta da sociedade, e as notícias de mulheres praticando a modalidade provocaram esforços contrários da opinião pública. Em 14 de abril de 1941, o presidente Getúlio Vargas baixou o Decreto-Lei 3.199, Art. 54, que proibia as mulheres de praticar esportes que não fossem “adequados a sua natureza”. Apesar de não citado nominalmente, o futebol de mulheres se enquadrava na

restrição, já que era considerado uma modalidade violenta. Com isso, o futebol feminino foi cerceado por 40 anos, quando apresentava franco desenvolvimento.

Figura 1 - Inauguração do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Estádio Pacaembu)

Fonte: Werner Haberkorn/Acervo Museu Paulista/Domínio Público/Wikipedia[1]

Em 1965, durante a Ditadura Militar, o Conselho Nacional de Desportos (CND) citou nominalmente os esportes proibidos para as mulheres com lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, rugby, halterofilismo e beisebol. A regulamentação do futebol feminino aconteceu apenas em 1983, graças à luta de jogadoras e à relevância econômica internacional, possibilitando a criação de um calendário, competições, que elas pudessem usar os estádios e a modalidade ser ensinada nas escolas.

Posteriormente à revogação do Decreto, Salvini e Júnior (2013) analisaram algumas reportagens que foram veiculadas na revista Placar (Figura 2) na década de 1980. O objetivo dos dois era identificar os conteúdos transmitidos após os dez anos seguintes da liberação da modalidade e como a imagem da mulher era descrita através de uma das mais antigas revistas que abordam o futebol. Em agosto de 1995, o veículo publica “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens”, uma matéria que noticiava a eliminação da

1 Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Werner_Haberkorn_-_Vista_pontual_do_Est%C3%A1dio_Paulo_Machado_de_Carvalho_(Pacaemb%C3%BA)._S%C3%A3o_Paulo-SP_2.jpg. Acesso em: 04/10/2022

Seleção Brasileira, colocando como consequência a falta de organização, evidenciando o amadorismo da modalidade. A seguir, entra em campo as equipes de “futebol feminino formadas por modelos”, como uma forma de mascarar e vender uma imagem deste esporte.

Se tratando de times de modelos era expressamente proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois, o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos. (SALVINI; JÚNIOR, 2013).

Figura 2 - Capa Revista Placar

Fonte: Revista Placar nº 1.106, agosto de 1995[2]

Ao contrário do início do esporte para os homens, as mulheres que começaram a praticar o futebol – antes da proibição e anos que sucederam a liberação da modalidade – eram de classes menos favorecidas, jogavam longe dos clubes e grandes ligas e eram chamadas de “grosseiras, sem classe e

2 Retirada de ultrajano.com.br. Disponível em: ultrajano.com.br/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/. Acesso em: 04/10/2022.

malcheirosas”. O preconceito social alimentou um preconceito esportivo, perdurando a ideia de que tal mulher era masculinizada e sem trato social (MARTINS et al., 2014). À vista disso, a mídia implantou uma nova modalidade que, além de inibir a realidade, percorreu a esteira da espetacularização dos corpos, em que as jogadoras de futebol, federadas ou modelos, eram expostas em uma seção da revista Placar chamada ‘Deusa’, em que uma delas era eleita pelos diretores da revista para aparecer em uma foto ocupando duas páginas da edição. “O papel social da mídia não é de pequena importância, por isto cabe também a nós a identificação e o questionamento de como o esporte está presente nos veículos de comunicação” (MARTINS et al., 2014).

Evidenciando a importância do registro fotográfico feito pela mídia, o primeiro registro que se tem de partidas disputadas por mulheres (Figura 3) datam dos anos 1920, quando os jornais mostram a prática, ainda de forma tímida, em três estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte (GE, 2019). As primeiras referências do uso das palavras “futebol feminino” vieram do circo (Figura 4), porque era tratado como uma performance e não uma partida.

Figura 3 - Primeiros registros das mulheres praticando o futebol

Fonte: globoesporte[3]

3 Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino. Acesso em: 04/10/2022.

Figura 4 - Acervo do Museu do Futebol

Fonte: globoesporte[4]

O registro da primeira Seleção Brasileira feminina foi em 1988, formada, principalmente, por jogadoras do Radar, do Rio de Janeiro, e do Clube Atlético Juventus, de São Paulo. Outro clube que foi pioneiro no profissionalismo foi o Saad, clube carioca. Atualmente, as Guerreiras do Brasil, como são conhecidas, colecionam oito títulos da Copa América (1991, 1995, 1998, 2003, 2010, 2018 e 2022), vencendo duas vezes os Jogos Pan-Americanos. Na Copa do Mundo a melhor campanha foi em 2007 (Figura 5), quando as brasileiras foram vice-campeãs. Em 1999, ocuparam o terceiro lugar.

4 Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino. Acesso em: 04/10/2022

Figura 5 - Brasil vice-campeão da Copa do Mundo da China, 2007

Fonte: Getty Images/globoesporte[5]

Com os bons resultados em participações importantes e de destaque ao longo dos anos, esperava-se que as mulheres consolidassem sua presença no futebol, mas, não foi bem assim. O reconhecimento demorou a ser feito, impactando no crescimento para o público, bem como a aquisição de patrocínios e fortalecimento da mídia. Mesmo que não fosse nítido, as bolas seguiam rolando nos campos do Brasil e do mundo.

Apenas em 2013, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) implementou o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, atual Brasileirão Feminino Neonergia A1, que no ano de 2022 completou a décima edição. Ao longo desse período, a competição passou por alterações e adaptações. A mudança mais recente aconteceu com a criação da terceira divisão, a A3, com 32 equipes participantes. Em 2014, foi criada a Seleção Permanente, com o intuito de dar ritmo às jogadoras que não tinham time e nenhum calendário de jogos.

5 Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-2003. Acesso em: 04/10/2022.

Na América do Sul, em 2016, a Conmebol, organizadora da Libertadores Feminina, em que os times brasileiros dominam os pódios e participações, aprovou em seu estatuto a fim de impulsionar a modalidade no continente:

> O solicitante (à licença) deverá ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que possua o mesmo. Além do mais, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que possua. Em ambos os casos, o solicitante deverá prover de suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinos) necessária para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, se exige que ambos os times participem de competições nacionais e regionais autorizadas pela respectiva associação membro – prevê o regulamento. (REGULAMENTO LICENÇA DE CLUBES, 2016, p.40)

A fim de registro, o primeiro campeão da Libertadores Feminina foi a lendária equipe das Sereias da Vila, comandadas por Marta e Cristiane. O Santos ainda conquistou o bicampeonato na edição de 2010. Mas, as equipes brasileiras de maior sucesso no torneio são o São José que, com a liderança da lendária Formiga, se tornou o primeiro time tricampeão da América e, recentemente, o Corinthians. A Ferroviária possui dois títulos (Figuras 6 e 7).

Figura 6 - Primeiro título da Ferroviária na Libertadores Feminina, 2015

Fonte: Ferroviária/Divulgação[6]

6 Disponível em: https://memoria.ebc.com.br/esportes/2015/11/futebol-feminino-ferroviaria-conquista-libertadores-em-vitoria-sobre-colo-colo. Acesso em: 04/10/2022.

Figura 7 - Bicampeonato da Libertadores Feminina da Ferroviária em 2020

Fonte: Divulgação Conmebol/OTD[7]

Em 2019, a CBF decidiu seguir o caminho da Conmebol e estipulou que os clubes masculinos passassem a ter obrigatoriamente um time feminino, determinando no seu Regulamento de Licença de Clubes:

> "D.11 – Equipe principal feminina: O Clube Requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte. Nesse sentido, o Clube Requerente idealmente proverá as condições necessárias para o desenvolvimento adequado de referida equipe principal feminina, como, por exemplo, suporte técnico, seguro saúde, equipamentos e infraestrutura (campo para treinamento e local para disputa das partidas oficiais etc.), devendo informar à CBF o orçamento anual destinado ao futebol feminino. O Clube Requerente deverá demonstrar que a equipe principal feminina efetivamente disputa competições oficiais autorizadas pela CBF ou por Federações Estaduais."

Inicialmente houve um receio sobre esse novo investimento, mas o futebol feminino evoluiu de tal forma que gerou resultados positivos com relação aos direitos de transmissão, interesse do público e engajamento nas redes sociais. O próprio campeonato nacional dispôs de um crescimento orgânico. Um levantamento feito pela Result Sports, em 2021, mostrou que o Brasileirão Feminino foi a competição que mais cresceu em todo o mundo nas redes sociais, apresentando um aumento

7 Disponível em: https://www.olimpiadatododia.com.br/futebol/316645-ao-vivo-america-de-cali-x-ferroviaria-final-da-libertadores-feminina/. Acesso em: 04/10/2022.

de 29% entre julho e dezembro, com contas no Twitter, Facebook, Instagram e TikTok somando mais de 423 mil seguidores, ocupando o quarto lugar no ranking de ligas mais seguidas no mundo, atrás da liga inglesa (+968 mil seguidores), da liga estadunidense (+947 mil seguidores) e da liga mexicana (+1,2 milhões de seguidores).

Mesmo com esses progressos, a diferença salarial ainda é um tema que dificulta a busca por mais profissionalismo. Em uma pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas (ONU) após a Copa do Mundo Feminina de 2019, identificou-se que apenas o jogador Lionel Messi recebe em um ano o dobro do pagamento que quase 1.693 jogadoras das principais ligas do mundo recebem juntas no mesmo período (Figura 8). O argentino receberia US$ 84 milhões (R$ 320 milhões), enquanto as atletas receberiam, juntas, US$ 42,6 milhões (R$ 162 milhões).

Figura 8 - Representação da diferença salarial no futebol em 2019

Fonte: ONU Mulheres/Globoesporte[8]

Tratando-se de território nacional, no dia 2 de setembro de 2019, foi anunciada pela CBF que as premiações para atletas das seleções masculina e

8 Disponível em: https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodrigo-capelo/post/2019/06/20/opiniao-precisamos-ir-alem-da-diferenca-salarial-entre-messi-e-jogadoras-de-futebol-feminino.ghtml. Acesso: 04/10/2022.

femininas seriam iguais, em um dos primeiros casos de equiparação salarial no futebol mundial. A determinação foi aplicada nas participações do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio, disputados em 2021. A nível mundial, a Federação da Austrália foi a primeira a promover a igualdade de remuneração entre homens e mulheres, em novembro de 2019.

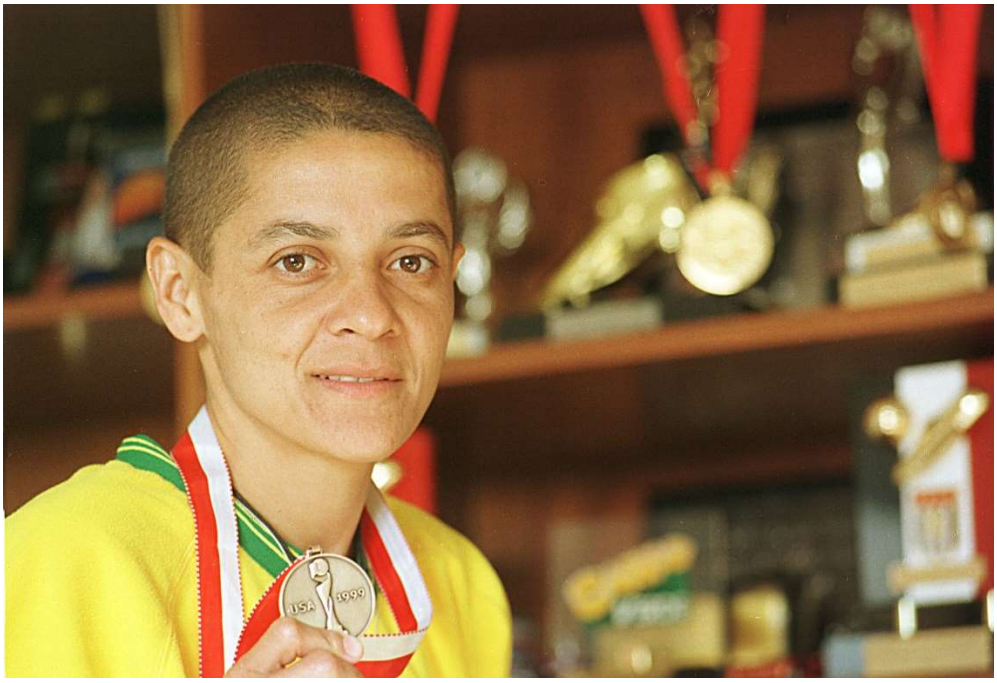
Por conseguinte, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), reparando nas movimentações de transferências internacionais através do FIFA Transfer Matching System (FIFA TMS), sistema obrigatório também para o futebol feminino a partir de 2018, observou o movimento extraordinariamente crescente, tanto de números de federações nacionais envolvidas nas transferências quanto dos valores investidos nessas transferências de jogadoras. Em vista disso, a organização lançou em 2020 os padrões mínimos trabalhistas para as atletas de futebol feminino, que passariam a vigorar em 2021, como parte do Regulamento de Status e Transferências dos Atletas da FIFA (FIFA RSTP), e, de modo consequente, refletir para todas as confederações e federações filiadas, como visto a seguir:

> “1. A validade do contrato não pode estar condicionada à possibilidade de a jogadora estar grávida ou engravidar durante a sua vigência, estar em licença maternidade ou usufruir de direitos relativos à maternidade em geral. 2. Se um clube rescindir unilateralmente um contrato com base no fato de uma jogadora estar grávida ou engravidar, estar em licença maternidade ou utilizar direitos relacionados à maternidade em geral, será considerada rescisão do contrato sem justa causa ocasionada pelo clube. a) Presumir-se-á, salvo prova em contrário, que a rescisão unilateral de um contrato por um clube durante a gravidez ou licença-maternidade ocorreu em consequência de uma jogadora estar grávida ou engravidar.” (REGULAMENTO DE STATUS E TRANSFERÊNCIAS DOS ATLETAS DA FIFA - FIFA RSTP)

Apesar do boicote durante toda a história, se engana quem pensa que elas ficaram afastadas dos campos. Dilma Mendes, uma das pioneiras na modalidade, que impulsionou a carreira de Miraildes Maciel Mota, a Formiga, conta em uma das mesas redondas do webnário ‘Proibidas e Insurgentes’, promovido pelo Museu do Futebol, que cavava um buraco perto do campinho para quando a polícia chegasse ela pudesse se esconder e muitas vezes ficava lá por horas, porque ninguém a avisava que podia sair. Por sua vez, Formiga, mulher, preta, lésbica, não só teve que suportar as barreiras impostas pela sociedade na vida como dentro de campo. Mesmo assim, foi a única jogadora a disputar todas as edições de Jogos Olímpicos (até 2021, em Tóquio) e da Copa do Mundo (até 2019, na França) até se aposentar da Seleção Brasileira em 2021.

Sissi (Figura 9), a maior camisa 10 da Seleção Brasileira, que brilhava no meio-campo, raspou o cabelo para pagar uma promessa da Seleção ter alcançado o 3º lugar na Copa do Mundo de 1999, e acabou tento um impacto gigantesco na sociedade da época por causa do seu visual. Seis vezes a melhor do mundo, Marta usou pela primeira vez um batom escuro e chamativo na vitória por 1 a 0 contra a Itália, na Copa do Mundo de 2019 (Dibradoras, 2019). O ato viralizou nas redes sociais: era a vaidade das mulheres do futebol colocadas a jogo e, mais uma vez, a atual camisa 10 da Seleção Brasileira virava símbolo de representatividade no palco mais importante da modalidade. “A cor é sangria, tem que dar o sangue, tem que estar junto”, explicou a jogadora. Em um dos seus relatos, Marta fala que na infância escutou que “se os meninos deixassem as meninas jogarem futebol, eles seriam castigados”.

Figura 9 - Sissi



Fonte: AE/Estadão[9]

Todos estes fatos narram a trajetória de importantes jogadoras do futebol feminino, assim como também os estudos já realizados na área mostram histórias de várias mulheres pela modalidade. Porém, são poucos os retratos destinados a contar as conquistas e o lado da mulher na modalidade – que são as protagonistas na evolução do futebol –, razão pela qual abordou-se este ponto de vista no projeto

9 Disponível em: https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/da-proibicao-ao-reinado-de-marta-30-anos-da-selecao-feminina. Acesso em: 04/10/2022.

aqui proposto. Para quem consome o futebol feminino, o material é relevante, pois torna acessível a possibilidade de conhecer a perspectiva individual de pioneiras e das novas atletas que estão chegando para continuar o legado.

Por isso, o presente trabalho contribui para a valorização da história dessas mulheres a partir e além das marcas que trazem no corpo, podendo sensibilizar de maneira geral uma parcela das mulheres que, por muito tempo foi silenciada e mal-vista, tanto pela sociedade quanto pelo governo. Até porque a prática e o consumo de futebol feminino no Brasil vêm aumentando em um ritmo acelerado, apesar de ser uma realidade que foi cultivada há anos. É verdade que em 2020 havia um receio sobre a evolução da modalidade por causa da pandemia, mas o mercado de transferência internacional feminino não foi afetado, contribuindo positivamente para a continuação do desenvolvimento da modalidade.

Como serão lembradas? Espera-se que como o Museu do Futebol se lembrou do ‘grito aos céus’, do abraço simbólico de Maravilha e Formiga (Figura 10), ao conquistarem o terceiro lugar da Copa do Mundo em 1999, ao vencerem a Noruega nos pênaltis. “A mensagem, um grito de independência, socorro, ou descarrego emocional após a conquista ritual?”.

Figura 10 - Maravilha e Formiga após vitória sobre a Noruega, 1999

Fonte: Mike Fiala/AFP/Getty Images/Museu do Futebol[10]

Portanto, uma realidade recente para a sociedade brasileira, apesar da hegemonia do esporte vivenciado pelo país. Ainda que haja pesquisas referentes às histórias das mulheres no campo de jogo, poucos autores se dedicaram a trazer uma visão particular de atletas. Para a realização do estudo que dá base ao fotolivro virtual, foi feita apuração em livros, artigos, leis e portais de notícias com base no método de levantamento bibliográfico para primeiro contextualizar o que é o fotolivro, buscando também referências, informações, pesquisas e dados a respeito do tema que abrange a história do futebol feminino.

Os relatos foram produzidos por meio de entrevistas, sendo elas com as jogadoras profissionais e de categoria de base, retratando as experiências como atletas, nas páginas que dão sequência ao fotolivro, com a intenção de que o conteúdo fosse rico em detalhes para agregar valor, registrar e apresentar o ponto de vista de cada mulher do futebol. A intenção é que os textos conversem com as fotos, que vêm em destaque, para caracterizar cada uma de forma mais impactante, como nunca vistas de fato.

10 Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/619893/. Acesso: 04/10/2022

A finalidade do fotolivro virtual é deixar um legado de informações, histórias, conhecimentos, experiências, referências, marcos, registros e opiniões que abranjam a ideia. Em suma, o produto deve servir para a reflexão de amantes do futebol feminino, para que se espalhem e consumam mais sobre a modalidade, valorizando as principais personagens da história de um dos clubes mais tradicionais do futebol feminino.

O conteúdo é direcionado às jogadoras de futebol jovens, com idade a partir de 16 anos, que se identifiquem ao ver as histórias e experiência abordadas na produção fotojornalística, tendo a possibilidade de conhecer e se espelhar na trajetória de outras meninas e mulheres. O trabalho também busca atingir o público em geral, pessoas que convivem com alguma jogadora, família, times, federações e confederação, além de registrar para aqueles que querem conhecer, entender e conhecer mais profundamente o futebol feminino.

Muito se fala da recém-chegada das mulheres ao futebol feminino, mas pouco se sabe que, na verdade, elas estão há muito tempo na modalidade. Com o passar dos anos, principalmente com a explosão da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, realizada na França, um dos eventos esportivos mais esperados pelas seleções, os olhares se voltaram para elas nos gramados de futebol. Novas medidas foram adotadas, expansão de campeonatos, mais visibilidade e a possibilidade de, de fato, serem vistas. Além disso, esse novo olhar permitiu que as pessoas que já acompanhavam pudessem desfrutar melhor e que novas pudessem embarcar na cobertura do futebol feminino.

Nos tempos modernos, em que a informação e a tecnologia fazem o internauta navegar pelos diversos canais da internet estando em casa, parar para ouvir e conhecer o outro se tornou raro. Muitas vezes lidamos e conhecemos outras pessoas, mas nunca paramos para ouvir de onde ela veio, o que ela busca, quais os sonhos dela, o que ela tem a compartilhar. Conhecer as histórias, as experiências de quem vive de fato o dia a dia do futebol feminino é algo enriquecedor.

Não é segredo para ninguém que sempre houve uma diferença no tratamento de homens e mulheres na sociedade, isso porque foi imposto que as mulheres deviam cuidar de casa e os homens do trabalho. Mas, pelos registros históricos, é possível identificar mulheres que colocam a vida em risco por, simplesmente,

desafiarem todas as regras em busca de serem elas mesmas. No futebol feminino não é diferente. Para que as de hoje entrem em campo, foi preciso que muitas tivessem que sair correndo e se esconder em buracos cavados por elas mesmas pertos dos campos de várzea quando a polícia realizava ronda para restringir esse tipo de prática.

Diante disso, perguntas do tipo “o que essa jogadora já passou para estar onde está?”; “quais e quantas marcas uma jogadora de futebol tem que ninguém sabe?” e “qual a importância de serem vistas?” são necessárias para que possamos compreender a real situação das mulheres no esporte.

A prática e o consumo de futebol feminino no Brasil vêm aumentando em um ritmo acelerado, apesar de ser uma realidade que foi cultivada há anos. Em 2020, havia um receio sobre a evolução da modalidade por causa da pandemia, mas o balanço da Fifa, divulgado em fevereiro de 2021, mostra que a janela de transferência de janeiro de 2021 seguiu o ritmo do mercado de transferência internacional e registrou a menor atividade nos últimos seis anos. O ponto positivo foi a resistência apresentada pelo mercado de transferência internacional feminino que, praticamente, não foi afetado.

O incentivo ao produto ‘futebol feminino’ também aumentou, com a criação de uma nova divisão, a ‘Série A3’, a partir de 2022. A terceira divisão terá 32 clubes na disputa, a segunda — que até nessa temporada tinha 36 times — passa a ter 16 e a primeira permanece com 16. Com isso, o futebol feminino conta com 64 instituições em atividade no Brasileirão neste ano. A CBF também firmou a primeira parceria exclusiva das Seleções Femininas com a Neoenergia, que contempla também a Série A1 — alterando inclusive o nome da competição para Brasileirão Feminino Neoenergia. Outra novidade veio logo em seguida, quando o campeonato completou o primeiro mês de disputa, com o anúncio da premiação de ‘Jogadora do Mês’. Já são três atletas contempladas, sempre escolhidas por um colegiado de jornalistas.

O diferencial esteve também nas telinhas. Além das transmissões pela CBF TV, a primeira fase do campeonato pode ser vista no canal dos Desimpedidos, no Youtube, e, também, nas noites de domingo na tv aberta, pela Band TV. O retorno pós-Olimpíadas marcou o início das quartas de final e as opções aumentaram com o Sportv e o TikTok da CBF e do Desimpedidos. Nas fases decisivas, a Staff Images

Woman assumiu como agência oficial do Brasileirão A1 e A2, com a equipe composta 100% por mulheres. A UNIASSELVI também foi anunciada como nova patrocinadora do campeonato.

Logo, uma realidade recente para sociedade brasileira, apesar da hegemonia do esporte já vivenciada pelo país, poucos autores se propuseram a trazer o sentimento das atletas quanto a própria trajetória, principalmente, em times femininos do interior de São Paulo.

Para as entrevistas, o produto teve contato com onze jogadoras: a preparadora de goleira e ex-goleira Vanessa Cataneo, a goleira Luciana; a auxiliar técnica e ex-zagueira Andréia Rosa, as laterais Barrinha e Daiane, a zagueira Gessica, a volante Luana, as meio-campistas Nicoly e Rafa Mineira, e as atacantes Aline Gomes e Ana Clara Bigeschi. O fotolivro foi criado para as pessoas que já acompanham o futebol feminino poderem conhecer mais da trajetória individual de cada atleta buscando valorizar a história delas por meio das marcas que caracterizam cada uma (como tatuagens, cicatrizes, corte de cabelo, unhas pintadas, maquiagem).

A quantidade de entrevistadas escolhidas representa o número de jogadoras de um time de futebol, trazendo esse significado e associação para o trabalho. A escolha das jogadoras foi pensada na linha que as jogadoras ‘de trás’ são as mais experientes e as da frente as mais novas, fazendo com que as entrevistas, mesmo que não associadas, vão se completando e criando uma linha lógica, construindo também uma linha do tempo do futebol feminino.

1.1. FERROVIÁRIA

Fundada em 12 de abril de 1950, na cidade de Araraquara por um grupo de funcionários da antiga empresa Estrada de Ferro Araraquara (EFA). Ficou definido em uma reunião articulada por Antônio Tavares Pereira Lima, que as cores do clube seriam grená e branco, com o escudo semelhante ao da EFA, mas com as letras invertidas.

A estreia do time na primeira divisão do Campeonato Paulista masculino foi em 1956. Foi rebaixado 10 anos depois e retornou no ano seguinte, quando

conquistou o campeonato da segunda divisão. Permaneceu 30 anos na elite da competição, foi rebaixado em 1996 e retornou em 2015 à Série A1 do Paulista.

Em meio a isso houve a criação da equipe de futebol feminino em 2001, antes mesmo das exigências atuais da FIFA e Conmebol. O objetivo era formar atletas e equipes competitivas. As jogadoras que atuam no clube de Araraquara são conhecidas pelo apelido de Guerreiras Grenás, em alusão ao espírito de luta das atletas dentro de campo.

A Ferroviária se tornou uma referência no futebol feminino após conquistar os principais títulos da modalidade, como Campeonato Paulista (2013), bicampeonato Brasileiro (2014 e 2019), Copa do Brasil (2014) e o bicampeonato da Libertadores (2015 e 2020). No entanto, mais do que títulos, o clube se orgulha, principalmente, pelo pioneirismo na carteira de trabalho das atletas (CLT), um passo importante para a valorização destas e profissionalização do futebol feminino, que aconteceu em 2017 visando a temporada de 2018, inicialmente com seis atletas. Foi a partir do mesmo ano que o time araraquarense obteve o investimento em categorias de base.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho configura-se como exploratória, que se caracteriza por obtenção de insights e ideias, nos oferecendo informações que ampliarão a familiaridade com o futebol feminino, visando a construção de hipóteses. Para atingir nossos objetivos, utilizamos também a pesquisa etnográfica, que consiste na realização do estudo para uma maior afinidade com o objeto investigado na realização do produto. Durante a temporada de 2022, em que realizamos a cobertura do Brasileirão Feminino Neoenergia, Campeonatos Paulistas Feminino profissional, Sub-17 e Sub-20, pudemos observar as jogadoras em seu meio, momento em que houve diversas interações com as 11 jogadoras de futebol feminino da Associação Ferroviária de Esportes SAF, de Araraquara. Nessas situações, depois de estabelecer um contato mais íntimo com elas e a partir de entrevistas informais, pudemos apreender a realidade vivida pelas jogadoras, revelando-se o problema da falta de espaço e oportunidades. Por meio de seus registros e perspectivas, captamos características peculiares que nos forneceram

informações para uma investigação mais precisa para a elaboração de nosso produto, o fotolivro “Como nunca vistas”.

O interesse da pesquisa de campo surgiu pela generalização do estereótipo da mulher na prática do futebol.

> Não há como negar as limitações das ciências sociais; não apenas em relação à objetividade, mas também à generalidade. Se as pesquisas nas ciências naturais com freqüência conduzem ao estabelecimento de leis, nas ciências sociais não conduzem mais do que à identificação de tendências. (GIL, 2008, p.6)

Em um segundo momento, realizamos as entrevistas em profundidade, com a ajuda dos assessores Tiago Pavini e Jonatan Dutra, que mediaram a comunicação. Essa foi uma técnica qualitativa que nos permitiu explorar o assunto com maior sagacidade de acordo com os relatos prescritos, propondo-se uma linha de maior entendimento. A pesquisa documental foi uma base importante para aumentarmos o conhecimento através de recortes de jornais de um rico acervo dos pais da meia Nicoly Aprigio, com páginas da imprensa de Araraquara desde que a jogadora integra as equipes de base do clube até a sua atuação, com 15 anos, na Noruega.

Na abordagem, ou seja, o método de obtenção de dados, utilizamos a forma qualitativa, através de dados já existentes para assim compreender e alinhar os pontos de vista de acordo com o ineditismo trazido por cada uma, entre o passado e o presente vivido pelas protagonistas da narrativa do futebol feminino. O método hipotético-dedutivo também foi aplicado para encontrar nos relatos fatos e experiências que refutem a ideologia amplamente declarada na sociedade brasileira. Assim, de acordo com Kaplan (1972, p. 12), o último método:

> "...o cientista, através de uma combinação de observação cuidadosa, hábeis antecipações e intuição científica, alcança um conjunto de postulados que governam os fenômenos pelos quais está interessado, daí deduz ele as conseqüências por meio de experimentação e, dessa maneira, refuta os postulados, substituindo-os, quando necessário, por outros, e assim prossegue". (KAPLAN, 1978, p.12)

Para a realização do projeto, aplicou-se a revisão bibliográfica, com o intuito de aprofundar o tema, entendendo, a partir de informações na área, a linha cronológica de desenvolvimento da modalidade. Para isso, foi aproveitado do método experimental, que nos proporcionou meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais, que consiste, essencialmente, na submissão dos objetos de estudo à influência de certas variáveis, observando os

resultados que gera no objeto, a partir das condições conhecidas pelo investigador (GIL, 2008).

O arcabouço bibliográfico foi composto por artigos acadêmicos “Mais que Barbies e Ogras: Uma Etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos” de Cláudia Samuel Kessler; “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” de Silvana Vilodre Goellner; “Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)” de Aira Fernandes Bonfim e, “Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)” de Giovana Capucim e Silva.

3. DETALHAMENTO TÉCNICO

O trabalho contou com fotografias e depoimentos em um fotolivro que foi produzido através do Adobe Lightroom Classic e Canva e disponibilizado em PDF (se possível impresso de forma viável, futuramente), com 49 páginas. O intuito do produto foi registrar a história das mulheres que acharam caminhos para seguir no futebol e atualmente fazem parte desse sucesso que a modalidade vem alcançando dia a dia, para assim promover reflexões e discussões diante das dificuldades e a nova realidade.

Para a realização do trabalho foi necessário o uso de equipamento profissional de fotografia, a câmera fotográfica (T5), e a iluminação natural da arquibancada do Estádio Fonte Luminosa. O material foi produzido em Araraquara-SP, sede do time da Ferroviária e onde as atletas moram durante os treinamentos para as competições da temporada.

Para a captação das fotografias posadas, usadas como objetivo principal deste produto, foram necessárias quatro idas à Araraquara, de acordo com a disponibilidade e liberação do clube. As demais fotos durante os jogos foram feitas em oportunidades durante o Brasileirão Feminino Neoenergia 2022 e o Paulista Feminino Sub-20. Sobre as entrevistas, optou-se pelo uso da tecnologia e, devido ao calendário repleto de competições, as entrevistadas enviaram em texto os relatos.

4. SINOPSE

O futebol é a modalidade mais praticada no Brasil e no mundo, move paixões dentro e fora de campo, do canto da arquibancada ao bico da chuteira, mas por muitos anos viu as mulheres proibidas de praticar e viver esse esporte. Preconceitos, falta de credibilidade, machismos, objetificação e tantas dificuldades não impediram que elas fossem até o limite do campo e as driblassem. Por isso, pensando em retratar, ouvir e dar voz às principais personagens desse jogo, o fotolivro virtual: “As marcas das jogadoras do Futebol Feminino da Ferroviária” apresenta a história da modalidade, relatos e fotos exclusivas de onze jogadoras da Ferroviária, time conhecido pelo desenvolvimento pioneiro na modalidade que percorre da base ao profissional.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Produção das fotos com oito jogadoras em Araraquara, de acordo com a disponibilidade do clube	Coleta dos relatos através de texto	Captação das fotos com outras duas jogadoras em Araraquara, de acordo com a disponibilidade do clube	Edição das fotos	Revisão ortográfica e de informações	Apresentação do projeto para banca examinadora
		Produção do primeiro capítulo	Montagem dos relatos e demais capítulos	Captação das fotos com a jogadora Aline Gomes em Araraquara, de acordo com a disponibilidade do clube.	

			Criação do layout e design do fotolivro		
			Pré-banca qualificativa		
			Entrega do relatório final		

6. ROTEIRO

O fotolivro possui quatro capítulos, sendo eles caracterizados abaixo:

● PRELIMINARES: contém a introdução do futebol feminino no Brasil, que no início o futebol das mulheres era, na verdade, considerado como um ‘espetáculo’, onde elas jogavam no circo ou nas preliminares dos jogos de futebol de homens. A ideia foi trazer também a contextualização sobre a proibição, com recortes de jornais da época com as manchetes falando sobre a aparição das mulheres no futebol feminino.

● FERROVIÁRIA: foi retratado o futebol feminino como forma de resistência, trazendo as conquistas e evoluções de campeonatos e também sobre os avanços que a Ferroviária promoveu no futebol feminino sendo um dos primeiros clubes a proporcionar CLT e contrato profissional para as jogadoras, fomentação da base e cargos altos para mulheres dentro do clube.

● SELEÇÃO: nesta seção foi construído o relato de cada uma das onze jogadoras, com as fotos de cada uma distribuídas junto ao relato. Nas páginas inclui também a produção escrita sobre cada fonte, com informações e as principais marcas alcançadas da atleta, evidenciando a personagem.

Para a entrevista, cada uma das onze jogadoras construíram os depoimentos através das perguntas a seguir.

- Como foi o seu início no futebol?
- O primeiro ídolo na modalidade?
- Quem mais te apoiou nesse processo?

- Já sofreu preconceito por ser mulher e atuar no futebol?
- Quais foram os seus maiores desafios para se consolidar no futebol?
- Você se lembra qual foi a primeira memória com o futebol?
- Hoje, quando você entra no campo, o que você sente? (realização, mais sonhos...)
- Você tem alguma cicatriz ou alguma memória marcante de dentro do campo?
- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo?
- Na sua opinião, qual foi a maior conquista do futebol feminino nos últimos anos?
- Como você vê o futuro do futebol feminino?

7. RELATO DE PRODUÇÃO

A ideia para a elaboração do produto foi pensada no penúltimo ano de faculdade, desde que constituí um vínculo com a cobertura do futebol feminino. Optei pelo Jornalismo e a única certeza que eu tinha é que optaria e lutaria pela área esportiva. Além de me proporcionar momentos inesquecíveis dentro do esporte, o curso me impulsionou a conhecer e ter contato com outras editorias, o que me trouxe enriquecimento como ser humano, intensificando a minha experiência na universidade, me capacitando a contar, noticiar e compartilhar as histórias e experiências de vida que nem mesmo eu saberia ser capaz.

Nesse período, dediquei meus dias para a pesquisa e produção de guias dedicados ao futebol feminino, para veículos independentes. Através disso, criei um sentimento de ter e poder fazer mais pelas vidas envolvidas nessa modalidade. Até porque, acredito que essa busca incessante é a sensação que precisa ser pertencente a todo jornalista. O olhar sensível da profissão é um trabalho bonito de ser construído e credito isso ao professor Jefferson Barcellos, que sempre fez questão de destacar a importância do senso crítico.

A maior dificuldade enfrentada por mim foi para receber todos os relatos escritos. Inicialmente, a ideia era realizar presencialmente as entrevistas e, a partir

disso, criar as narrativas de cada jogadora. Mas, devido ao calendário de competições (Brasileirão Feminino, Paulistão Feminino, Libertadores Feminina e Brasil Ladies Cup pelo clube, além de convocações frequentes de jogadoras para a Seleção Brasileira), optei pelo texto escrito. A proposta era para elas criarem o texto em forma de relato, com base em um breve roteiro que encaminhei para auxiliá-las, mas algumas enviaram em formato de resposta e, com isso, adaptei para que o trabalho não perdesse a originalidade, incluindo informações históricas de registros. Outro fator que dificultou, principalmente, a captação das fotos da Aline Gomes. Em julho, quando fui a primeira vez para fazer as fotos, consegui fazer de oito atletas, sendo que ficaram faltando a goleira Luciana, a meia Aninha e a atacante Aline. A primeira estava na disputa da Copa América, pela Seleção principal, a segunda em jogo pelo Paulista Feminino Sub-20 e a última representando a Seleção Brasileira Feminina Sub-20 na Copa do Mundo da categoria. Quando retornei em setembro para fazer as duas primeiras citadas, Aline havia sido convocada para a preparação da Copa do Mundo Sub-17, da qual conquistou a vaga ao ser campeã do Sul-Americano da categoria em março deste ano.

Quanto à escolha das personagens, me baseei nos valores-notícia, contando, principalmente, com a relevância das fontes de acordo com a história da equipe feminina multicampeã da Ferroviária.

O maior contentamento foi ter me aproximado de pessoas que admiro tanto e que são figuras do esporte nacional. Mulheres que quebraram barreiras, bateram recordes e a cada dia buscam desmistificar o preconceito enraizado. “Adorei!! Sempre quis tirar uma foto assim”, disse Andréia Rosa, atual auxiliar técnica da equipe principal das Guerreiras Grenás, campeã pelo time de Araraquara e ocupou pódios com a camisa amarelinha, do Brasil.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É quase impossível falar de futebol feminino e não o relacionar à resiliência. O futebol, modalidade mais praticada no Brasil e no mundo, move paixões dentro e fora de campo, do canto da arquibancada ao bico da chuteira. Por muitos anos, as mulheres foram proibidas de praticá-lo por acreditarem que esse esporte, o mais

praticado no mundo, poderia colocá-las em risco, principalmente naquilo que se refere à fertilidade. Com isso, o produto teve como proposta a criação de um acervo, onde o objetivo foi registrar a história das jogadoras.

Ao longo do processo de produção constatou-se que há falta da elaboração de materiais que possam incentivar a modalidade.

Portanto, é possível afirmar que as mulheres no Brasil realmente têm conquistas significativas e que vem alcançando patamares maiores a cada dia, mas ainda não são suficientes se comparadas a outros países, especialmente a Europa, que desenvolve brilhantemente a modalidade. Ainda há muito o que evoluir também na relação de propagar o Futebol Feminino para desmistificar os preconceitos impostos pela própria sociedade, tanto nos campos quanto na beira do gramado, através de técnicas, auxiliares, coordenadoras, diretoras e cargos superiores.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. **GE**, 19 maio 2019. Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino. Acesso em: 19 maio 2022.

AS PIONEIRAS do Pacaembu: 80 anos da estreia do futebol feminino no Estádio Municipal. **Medium**, 15 maio 2020. Disponível em: https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estreia-do-futebol-feminino-no-est%C3%A1dio-municipal-a61f6b9351b2#:~:text=Em%2017%20de%20maio%20de,de%202X0%20para%20o%20Brasileiro. Acesso em: 19 maio 2022.

AS REFERÊNCIAS de beleza da seleção brasileira de futebol feminino no jogo contra a Itália. **VOGUE**, 18 jun. 2019. Disponível em: https://vogue.globo.com/beleza/noticia/2019/06/referencias-de-beleza-da-selecao-brasileira-de-futebol-feminino-no-jogo-contra-italia.html?fbclid=IwAR3dc7ZUmQkdfuG1a-EOnt5e_t-GScEXE-z3QNe1a8axqdiRs6HCbx-mZcg. Acesso em: 3 dez. 2021

BONFIM, Aira. Carlota Resende: a dirigente do futebol que planejou excursionar com jogadoras e foi presa em 1941. **Torcedores.com**, 7 mar. 2020. Disponível em: https://www.torcedores.com/noticias/2020/03/carlota-resende-a-dirigente-do-futebol-que-planejou-excursionar-com-jogadoras-e-foi-presa-em-1941. Acesso em: 19 maio 2022.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

BRASILEIRÃO feminino neoenergia é o campeonato de futebol feminino que mais cresce nas redes sociais no mundo. **ACB da Comunicação**, [s. l.], 12 jan. 2022. Disponível em: https://www.abcdacomunicacao.com.br/brasileirao-feminino-neoenergia-e-o-campeonato-de-futebol-feminino-que-mais-cresce-nas-redes-sociais-no-mundo/. Acesso em: 11 nov. 2022

BONFIM, Aira. Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos:uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). **Mestrado em História Política e Bens Culturais**, [s. l.], 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/42738933/FUNDAÇÃO_GETÚLIO_VARGAS_CENTRO_DE_PESQUISA_E_DOCUMENTAÇÃO_DE_HISTÓRIA_CONTEMPORÂNEA_DO_BRASIL_CPDOC . Acesso em: 11 nov. 2022.

CARDIM, Maria Eduarda. Veja o que está por trás do batom usado por Marta na Copa da França. **Correio Braziliense**, 18 jun. 2019. Disponível em: https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/batom-marta-copa-do-mundo-franca/. Acesso em: 3 dez. 2021.

CHAMUSCA, Fernanda. O FUTEBOL FEMININO E AS NOVAS NORMATIVAS DE PROTEÇÃO À MULHER ATLETA. **Coluna Jus Desportiva - IBDD**, 6 maio 2022.

Disponível em: https://ibdd.com.br/o-futebol-feminino-e-as-novas-normativas-de-protecao-a-mulher-atleta/. Acesso em: 1 out. 2022.

DAMASCENO, Renan. Nos anos 1940, mulheres foram presas por jogar futebol nas ruas de Belo Horizonte. **Futebol Mineiro**, 22 mar. 2019. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/22/noticia_interior,574010/nos-anos-1940-mulheres-foram-presas-por-jogar-futebol-nas-ruas-de-bel.shtml. Acesso em: 19 maio 2022.

DE SOUZA, Denaldo Alchorne. A “Primavera” do futebol feminino (1940-1941) (2ª e última parte). **Ludopédio**, 31 mar. 2020. Disponível em: https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-primavera-do-futebol-feminino-1940-19412a-e-ultima-parte/. Acesso em: 19 maio 2022.

ENCHIOGLO, Laura. Joga a bola no meu pé: a difícil trajetória das mulheres no futebol brasileiro: O esporte mais popular do mundo foi proibido no país entre 1941 e 1983. **Elas Que Lucrem**, 17 out. 2021. Disponível em: https://www.eql.com.br/usufruir/2021/10/joga-a-bola-no-meu-pe-a-dificil-trajetoria-das-mulheres-no-futebol-brasileiro/. Acesso em: 18 set. 2022.

FERA, Redação. ONU ressalta diferença salarial entre futebol masculino e feminino. **#FERA**, 23 jun. 2019. Disponível em: https://esportefera.com.br/noticias/futebol,onu-ressalta-diferenca-salarial-entre-futebol-masculino-e-feminino,70002884420. Acesso em: 1 out. 2022.

FIRMINO, C. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto "dibradoras". **FuLiA/UFMG**, *[S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.4.1.23-38. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14655. Acesso em: 12 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed, Editora Atlas, 2008.

JUNIOR, Osvaldo Fiorato. IMAGENS SAGRADAS, PARA O FUTEBOL. **ANAIS DA SEMANA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**, v. 2, 2016. Disponível em: http://www.uel.br/cch/his/XVISEMHIS/index.php. Acesso em: 3 set. 2022.

KESSLER, Cláudia Samuel. **O UNIVERSO DO FUTEBOL DE MULHERES: SUPERANDO A INVISIBILIDADE E A FEMINILIDADE TRADICIONAL**. In: KESSLER, Cláudia Samuel. MAIS QUE BARBIES E OGRAS: UMA ETNOGRAFIA DO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS. 2015. Tese (Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MENDONÇA, Renata. Brasil já teve gênio antes de Marta. E a rejeitou por um cabelo raspado. **UOL**, 14 maio 2019. Disponível em: https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/14/brasil-ja-teve-genio-antes-de-marta-e-a-rejeitou-por-um-cabelo-raspado/. Acesso em: 3 dez. 2021.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. NOTORIEDADE MUNDIAL E VISIBILIDADE LOCAL: O FUTEBOL FEMININO NA REVISTA PLACAR NA DÉCADA DE 1990. **Biblioteca Digital de Periódicos - UFPR**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64742. Acesso em: 3 set. 2022.

STAFF Images Woman será a agência oficial do Brasileiro Feminino: Com equipe só de mulheres, a agência começa nesta semana a cobrir as fases decisivas das séries A1 e A2. **MKT Esportivo**, 13 ago. 2021. Disponível em: https://www.mktesportivo.com/2021/08/staff-images-woman-sera-a-agencia-oficial-do-brasileiro-feminino/. Acesso em: 3 dez. 2021.

TEIXEIRA, Maria Luiza Campos. **Futebol, questões de gênero e desigualdade salarial: uma análise descritiva para o Brasil**. 2019. 35 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2019.

APÊNDICE A – RESUMO PARA O CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras do Futebol Feminino na Ferroviária

Cárila COVAS[11]

Jefferson Alves BARCELLOS[12]

Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, São Paulo

Curso de Jornalismo

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma abordagem capaz de compreender o futebol feminino através da história no Brasil, com maior ênfase no interior de São Paulo e, principalmente, por quem vive a modalidade, por meio de fotografias e relatos pessoais de onze jogadoras da Associação Ferroviária de Esportes, situada em Araraquara, no interior de São Paulo. A abordagem empregada considerou questões que variam da proibição ao 'boom' que a prática das mulheres ganhou após a realização da Copa do Mundo Feminina de 2019, na França. As narrativas foram construídas considerando-se tanto uma linha lógica quanto temporal. A aplicação da abordagem, a fotografia e métodos de entrevista permitiram a construção de um rico acervo histórico. Os métodos utilizados neste trabalho constituíram-se de entrevistas em profundidade, pesquisa bibliográfica e metodologia exploratória e descritiva, necessárias para a obtenção de dados confiáveis e informações atualizadas que mostrem a realidade da profissão de

---

11 Aluno da 8ª etapa do curso de Jornalismo UNAERP, e-mail: carila_covas@outlook.com

12 Fotógrafo e Jornalista, é doutor em Mídia e Tecnologia, pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil), onde integra o GENEM – Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios, mestre em Ciências Sociais(Antropologia Visual) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP (Brasil), atua como Docente dos Cursos Superiores de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Produção Audiovisual no Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto e nos cursos de comunicação da Universidade de Ribeirão Preto.

Desenvolve trabalhos autorais na área das artes visuais com ênfase em processos fotográficos digitais e físicos.

E-mail: jeffbarcellos@gmail.com

jogadora de futebol e que permitam entender por que as mulheres enfrentaram tantos obstáculos para chegarem ao topo do pódio.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Guerreiras Grenás; Jornalismo Esportivo; Representatividade; Mulheres no Futebol

INTRODUÇÃO

Sabe-se pouco sobre o início das mulheres no futebol brasileiro, um exemplo disso é a justificativa das organizações internacionais e federações nacionais de futebol que alegam a negligência em relação às jogadoras com base na suposta falta de tradição pelo esporte, colocando-as como recém-chegadas na modalidade (ELSEY; NADEL, 2019:2). Mas, qual seria, de fato, o motivo dessa tardança? Contar a história do futebol feminino no Brasil vai além de lembrar de gols, recordar títulos, lances e personagens. Falar do futebol de mulheres, automaticamente, é falar de resistência, luta e persistência.

São poucos os retratos destinados a contar as conquistas e o lado da mulher na modalidade – que são as protagonistas na evolução do futebol –, razão pela qual abordou-se este ponto de vista no projeto aqui proposto. Para quem consome o futebol feminino, o material é relevante, pois torna acessível a possibilidade de conhecer a perspectiva individual de pioneiras e das novas atletas que estão chegando para continuar o legado.

Ao contrário do início do esporte para os homens, as mulheres que começaram a praticar o futebol (antes da proibição e anos que sucederam a liberação da modalidade) eram de classes menos favorecidas, jogavam longe dos clubes e grandes ligas e eram chamadas de “grosseiras, sem classe e malcheirosas”. O preconceito social alimentou um preconceito esportivo, perdurando a ideia de que tal mulher era masculinizada e sem trato social (MARTINS et al., 2014). À vista disso, a mídia implantou uma nova modalidade que, além de inibir a realidade, percorreu a esteira da espetacularização dos corpos, em que as jogadoras de futebol, federadas ou modelos, eram expostas em uma seção da revista Placar[13] chamada ‘Deusa’, em que uma delas era eleita pelos diretores da

13 Revista Placar de nº 1.106, publicada em agosto de 1995

revista para aparecerem em uma foto ocupando duas páginas da edição. “O papel social da mídia não é de pequena importância, por isto cabe também a nós a identificação e o questionamento de como o esporte está presente nos veículos de comunicação” (MARTINS et al., 2014).

Por isso, o presente trabalho contribuiu para a valorização da história dessas mulheres a partir e além das marcas que trazem no corpo, podendo sensibilizar de maneira geral uma parcela das mulheres que, por muito tempo foi silenciada e malvista, tanto pela sociedade quanto pelo governo. Até porque a prática e o consumo de futebol feminino no Brasil vêm aumentando em um ritmo acelerado, apesar de ser uma realidade que foi cultivada há anos.

OBJETIVOS

O objetivo principal do presente trabalho é transmitir às pessoas que já acompanham o futebol feminino a trajetória individual de cada atleta buscando valorizar a história delas por meio das marcas que as caracterizam (como tatuagens, cicatrizes, corte de cabelo, unhas pintadas), sensibilizando também as pessoas que queiram conhecer ainda mais quem contribui para o reconhecimento da modalidade. Por fim, o intuito do projeto é possibilitar que meninas se identifiquem com os relatos publicados e se sintam capazes de alcançarem o sonho de serem jogadoras de futebol.

MÉTODO

O presente trabalho resultou de uma pesquisa qualitativa cujas bases se devem a uma revisão bibliográfica por meio de trabalhos científicos relacionados com o futebol feminino. Foram analisados os trabalhos publicados em periódicos nacionais, além da realização de entrevistas com profissionais da área.

As técnicas utilizadas para a realização deste projeto foram de extrema importância para aprofundar o tema, possibilitando o entendimento, a partir de estudos de especialistas da área, de como funciona a profissão e como a expansão da modalidade tem alcançado feitos importantes para elevar cada vez mais o

Futebol Feminino, além de comprovar as informações com as vivências das jogadoras de futebol entrevistadas.

RESULTADOS PARCIAIS

Como resultado parcial do trabalho, verificou-se que os preconceitos ainda são muito presentes e que estas mulheres continuam a enfrentar diversos impedimentos como racismo, misoginia, assédios, preconceitos, machismo, entre outros, que as limitam.

Por outro lado, após a finalização das entrevistas com as onze jogadoras, ressaltaram-se algumas conquistas: estabilidade após assinarem contrato profissional; a condição de poderem, de fato, se dedicar exclusivamente ao futebol; a obtenção de títulos de campeonatos que ficaram marcados na história não só de cada uma, mas também do clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É quase impossível falar de Futebol Feminino e não o relacionar à resiliência. O futebol, é a modalidade mais praticada no Brasil e no mundo, move paixões dentro e fora de campo, do canto da arquibancada ao bico da chuteira. Por muitos anos, as mulheres foram proibidas de praticá-lo por acreditarem que esse esporte, o mais praticado no mundo, poderia colocá-las em risco, principalmente naquilo que se refere à fertilidade.

Preconceitos, abandono, machismos, objetificação e diante de tantas dificuldades, tudo para ser uma jogadora de futebol. Portanto, é possível afirmar que as mulheres realmente têm conquistas significativas e que vem alcançando patamares maiores a cada dia, mas ainda não são suficientes comparadas a outros países e até mesmo a Europa, que desenvolve brilhantemente a modalidade. Ainda há muito o que evoluir também na relação de propagar o Futebol Feminino, para desmistificar os preconceitos impostos pela própria sociedade, tanto nos campos, quanto na beira do gramado, através de técnicas, auxiliares, coordenadoras, diretoras e cargos superiores.

APÊNDICE B – ENTREVISTAS

LUCIANA

- Como foi seu início no futebol

Comecei jogando futsal, depois migrei para o futebol de campo..

- Quem mais te apoiou nesse processo

Minha família!!! Pai, mãe e irmãos.

- Fases difíceis e se sofreu algum preconceito pela profissão

No início não tinha muito apoio, por isso foi uma fase difícil..Sempre sofremos preconceito por jogar futebol..As frases de sempre: Meninas tem que brincar de boneca, jogar futebol é para homem..E por ai vai.

- Maiores desafios para se consolidar no futebol

O preconceito, a dificuldade financeira, oportunidades.

- A primeira memória com o futebol

Títulos

- Hoje, quando você entra em campo, o que você sente

Felicidades, gratidão por estar em campo fazendo que eu amo..

- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo

Minhas orações

- Qual sua maior conquista, tanto profissional quanto pessoal, dentro do futebol

Minha maior conquista é ver cm o futebol feminino vem crescendo a cada dia mais e saber que fiz e ainda faço parte dessa mudança. É uma conquista pessoal e profissional.

- O que você espera do futuro do futebol feminino

Ainda mais visibilidade, estádios cheios do primeiro jogo ao último.

VANESSA

- Como foi seu início no futebol

Comecei no futebol com 10 a 12 anos jogando bola na rua, porém depois abriu escolinha de futsal na cidade onde eu morava Américo Brasiliense-SP e fiquei por um tempo, depois Migrei para uma escolinha de futebol society e consequentemente para o campo.

- Quem mais te apoiou nesse processo

Minha família foi a maior incentivadora no meu processo de formação tanto na área escolar como no futebol, desde quando comecei até o final dela que durou 22 anos como atleta.

- Fases difíceis e se sofreu algum preconceito pela profissão

Na verdade as fases sempre foram difíceis desde o começo pois não tinha muito incentivo a modalidade e sofria também por falta de calendário, estrutura e também profissionais capacitados. Em relação a preconceito sempre tive essas dificuldades em ouvir pessoas “ahhh não vai dar certo”, “lugar de mulher é na cozinha”, esses tipos de coisas que ainda existe, mas que diminuiu muito, dizeres que futebol era pra homem, foi q fase difícil mas de aprendizagem!

- Maiores desafios para se consolidar no futebol

Acredito que a falta de investimento em algumas áreas faz com que isso dificulte cada vez mais se consolidar no futebol.

- A primeira memória com o futebol

O primeiro campeonato que disputei ficou gravado na memória

- Hoje, quando você entra em campo, o que você sente

Sempre a mesma sensação de frio na barriga e com coração feliz e grato por fazer aquilo que amo

- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo

Fazer aquela oração e entregar tudo aquilo que posso contribuir pra o clube o tempo todo.

- Qual sua maior conquista, tanto profissional quanto pessoal, dentro do futebol

Profissionalmente ganhei títulos importantes e viajei a vários lugares que não imaginaria viajar, Essas conquistas marcam muito: disputar um mundial Militar e ser campeã, disputar uma Olimpíada Militar e ser campeã também, mas acho que o legado que fica são as amizades que você conquista e as pessoas que você conhece através do futebol, isso é algo imensurável. O futebol me fez ser um ser humano melhor e consequentemente uma grande profissional.

- O que você espera do futuro do futebol feminino

Espero que o futebol feminino continue nessa crescente em investimento e calendários cada vez mais competitivos para que grandes empresas e clubes possam entrar nesse ramo e conseguirmos ter os campeonatos nacionais e estaduais cada vez mais forte

ANDRÉIA ROSA

Andréia Rosa de Andrade

“A minha ligação com o futebol surgiu ainda antes de nascer. Quando minha mãe No Brasil, onde o futebol é a paixão nacional, que move os brasileiros e que certamente também tocou o meu coração. Um esporte que exige muita coragem, comprometimento, sacrifícios e foco. Ele também nos proporciona uma mistura de sentimentos em pouco tempo, seja ela de alegrias ou de frustrações. Vou compartilhar um pouco das experiências dessa jornada de 25 anos de muitos desafios e conquistas que o futebol me ocasionou.

Meu nome é Andréia Rosa de Andrade e tenho 38 anos, sou filha de Sebastião Rosa de Andrade, 62 anos, e Maria Helena de Souza Andrade, 58 anos. Tenho dois irmãos: Angélica, 40, e Éder, 36 anos. Nasci no dia 8 de julho de 1984 em um hospital de Ourinhos-SP, mas como meus pais moravam em São Pedro do Turvo-SP, foi lá onde fui registrada. Aos quatro anos de idade, nos mudamos para o Clube Náutico Araraquara, anos depois mudei para Araraquara e posteriormente para Américo Brasiliense, onde residimos até hoje.

A minha ligação com o futebol surgiu ainda antes de nascer. Quando minha mãe

estava grávida, meu pai dizia que o bebê seria um jogador de futebol, ele sempre gostou de futebol. "Aí eu nasci e ele disse: Ah, é uma menina! Então não será um jogador, mas tudo bem, estou muito feliz mesmo assim".

Meu primeiro contato com uma bola foi quando eu tinha um ano e dois meses, estava em um mercado com os pais e pediram para eu escolher um brinquedo, então vi uma coisa que me chamou a atenção mais do que as bonecas, uma bola toda colorida e assim eles a compraram para mim e depois disso, nunca mais larguei ela. E sim, o desejo do meu pai se realizou, me tornei uma jogadora de futebol mesmo sendo uma mulher.

Sempre fui apaixonada por futebol, brincava no clube com meu pai e meu irmão. Meu pai era goleiro do time dos funcionários e levava meu irmão e eu para jogarmos bola após os treinos dele. Anos mais tarde, eu jogava com os meninos na rua quando nos mudamos para a cidade. Quando ninguém queria jogar, eu ficava driblando os meus cachorrinhos. Muitas vezes fazia um campinho no quintal e colocava várias coisas no chão como obstáculos simulando zagueiras que eu precisava driblar. Também ficava jogando a bola na parede para ficar controlando e cabeceando a bola. Jogava a bola na parede e pulava na cama dos meus pais para

dar “peixinho”, adora aquilo, era tão divertido e o risco de cair da cama era menor porque era de casal, embora tenha quebrado várias ripas de madeira. Minha infância foi brincar no clube, subindo em árvores, jogando futebol, soltando pipa. Amava tudo aquilo.

BARRINHA

Ana Maria Barrinha

- Como foi seu início no futebol

Comecei jogando futsal em Araçatuba, minha cidade natal. Comecei a disputar campeonatos e logo fui para o campo.

- Quem mais te apoiou nesse processo

Meus pais, principalmente. Sempre dando muito apoio.

- Fases difíceis e se sofreu algum preconceito pela profissão

Graças a Deus, nunca tive lesões graves no decorrer da carreira. Acho difícil uma mulher que joga futebol, não ter sofrido nenhum tipo de preconceito. Já sofri sim, de homens e mulheres. Hoje em dia esse preconceito tem diminuído, mas ele ainda existe. Frases como futebol é pra mulher não sabe jogar futebol, são frases que ouvi muito na carreira.

- Maiores desafios para se consolidar no futebol

Enfrentar o preconceito, aprender a me superar no dia a dia, superar meus medos e dificuldades por amar esse esporte e querer algo melhor pra minha vida, foram e ainda são meus grandes desafios.

- A primeira memória com o futebol

Jogando na rua com os amigos e na escola. São minhas primeiras memórias com o futebol.

- Hoje, quando você entra em campo, o que você sente

Sinto orgulho. Orgulho de tudo o que já passei. Orgulho por ver como tem aumentado a visibilidade e qualidade da modalidade. Orgulho por fazer o que eu amo.

- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo

Orar. Pedir proteção e agradecer

- Qual sua maior conquista, tanto profissional quanto pessoal, dentro do futebol

Minha maior conquista certeza foram os títulos da

Coroou meu trabalho e do nosso grupo. O futebol fez com que eu tivesse condições de comprar minha casa, de estudar, além de ajudar minha família. Serei sempre grata ao futebol.

- O que você espera do futuro do futebol feminino

Mais visibilidade, mais investimentos, mais oportunidades para aquelas que buscam um lugar dentro dessa modalidade. Espero também, ver um futebol mais bonito e de qualidade tática e técnica das meninas.

DAIANE

Daiane Rodrigues

-Comecei a gostar de futebol pela influência do meu irmão que também foi jogador profissional, sempre acompanhava ele em jogos com os amigos de infância e depois na escolinha de futebol.

-Sempre tive apoio total de minha família, sempre me acompanhavam em jogos , treinos. Sempre tive minha família muito presente.

- No começo da carreira foi muito difícil, sair de casa, ganhava muito pouco, o dinheiro não dava pra fazer nada praticamente. Teve momentos que pensei em parar, mas minha família sempre procurou me incentivar. O preconceito sempre existiu, assim como ainda hoje existe. Sempre escutei piadinhas, mas isso nunca me abalou , nunca deixei isso me influenciar negativamente.

- o maior desafio para se consolidar foi justamente a parte financeira, se ganhava muito pouco antigamente, era mais uma ajuda de custa do que um salário. Não dava pra ajudar em casa, então isso foi difícil. Hoje graças a Deus as coisas melhoraram muito.

- Uma memória marcante foi minha primeira chuteira que meu pai e minha Mãe comprou, mesmo não tento muitas condições naquela época eles deram um jeito, estava louca pela chuteira, inclusive ela só tinha 1 número menor que o meu rs e mesmo assim quis levar, ficava apertada mas dava meu jeito de treinar e jogar.

- Hoje cada vez que entro em campo, sei q está cada vez mais perto de eu aposentar. Procuro aproveitar o máximo cada momento, e se conseguir ir adianta isso rs.

- Eu gosto de entrar com pé esquerdo em campo, e pedir a proteção pra que consiga dar meu melhor e que ninguém se machuque.

- Hoje sinto que minha maior conquista e ter cravado meu nome na história da Ferroviária, nada paga vc construir algo tão grandioso e ter tanta identidade com o clube, e com certeza todos os títulos que conquistei com a Ferroviária, principalmente as 2 libertadores.
- Espero que continue crescendo, qualificando os profissionais, melhorando o calendário, melhores salários. Estamos em evolução constante, não vejo como regredir, agora e focar em melhorar alguns aspectos e fortalecer cada vez mais a modalidade.

GÉSSICA

Géssica do Nascimento

- Como foi seu início no futebol?

Foi um grande desafio, sempre gostei de fazer vários esportes. antes do futebol entra na minha vida,eu jogava vôlei. Então só depois que fui para o futebol. Então o início foi um pouco complicado.

- Quem mais te apoiou nesse processo?

Minha família, técnicos e minhas companheiras na época, pois se não tivesse essas pessoas para me lapidar não seria uma jogadora.

- Fases difíceis e se sofreu algum preconceito pela profissão?

Tive várias fazer ruins, como lesões, mas nenhuma foi mais difícil depois que perdi meu pai, foi muito difícil, pois ele era meu maior incentivador. Já sofri preconceito pela minha profissão,ouvindo de terceiros que isso não é trabalho, como pode uma menina sair do vôlei para ir jogar futebol.

- Maiores desafios para se consolidar no futebol? O meu maior desafio foi ficar longe da minha família, pois sou muito apegada a eles.

- A primeira memória com o futebol?

Assistindo jogo com os meus irmãos.

- Hoje, quando você entra em campo, o que você sente? O mesmo sentimento de quando entrei na primeira vez no campo, borboletas, alegria, e satisfação.

- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo?

Ouvir louvores,estudar o adversário, e principalmente pensamentos positivos.

- Qual sua maior conquista, tanto profissional quanto pessoal, dentro do futebol? Minha maior conquistas foram os títulos, e chegar na seleção brasileira. No meu pessoal minha maior conquista foi dar muito orgulho para minha família e ajudar financeiramente eles.

- O que você espera do futuro do futebol feminino? Que muitas pessoas acreditem na modalidade, e que o futebol feminino seja inspiração para todas as mulheres homens e crianças.

LUANA

Luana Sartório Menegardo

Meu nome é Luana Sartório Menegardo, tenho 24 anos, tenho mais dois irmãos, o Lázaro e a Priscilla, sou natural de Rio Novo do Sul-ES. Cresci em uma comunidade do interior de Rio Novo chamada São Vicente que foi onde começou toda a minha história no futebol. Meu pai e minha mãe sempre foram meus maiores apoiadores, lembro que eu era bem pequena por volta dos meus 6 ou 7 anos sempre no intervalo das novelas a noite, a hora que meu pai estava em casa porque durante o dia ele trabalhava na roça, corríamos numa área pequena que tínhamos em casa e ele ficava chutando bola e brincando de um pra um comigo, foi quando aprendi as primeiras embaixadinhas. Em frente à minha casa tinha um campo de futebol eu e meus primos brincávamos todos os dias de rebatida, dentre outras brincadeiras que até inventávamos e nisso foi crescendo o meu amor pelo futebol. Desde essa idade frequentava escolinhas de meninos onde só tinha eu de menina, meu pai chegava a me levar de moto duas vezes por semana em uma escolinha do Cruzeiro que ficava à 20 quilômetros de onde eu morava.

Então, quando eu tinha 11 anos minha família se mudou para Nova Brasilândia do Oeste em Rondônia. Muitas pessoas falaram pros meus pais que eu não conseguiria me tornar uma jogadora por estar me mudando pra um lugar tão distante, porém o nosso sonho nunca tinha sido deixado de lado, pelo menos na minha cabeça não.

Nos mudamos e continuei sempre brincando de futebol com os meninos na escola ou em qualquer lugar que eu tivesse oportunidade, sempre muito elogiada

pelas pessoas que viam, até que um dia surgiu uma escolinha do Internacional na minha cidade e eu claro falei com meu pai e comecei a frequentar a escolinha também só de meninos. Infelizmente essa escolinha acabou não vingando lá, mas o treinador disse que antes dele ir embora ele me levaria pra algum clube, e depois de algumas conversas eu e meu pai fomos pra Maringá-PR onde tinha um time de futsal chamado Projeto Lambari. Eu tinha por volta de 13 anos quando fomos pra lá, o dia que meu pai veio embora e eu tive que ficar sozinha foi um dos piores da minha vida, eu chorava muito, não queria que ele fosse embora, mas com o passar dos dias isso foi melhorando e consegui ficar, porém lá era só futsal mas sempre falavam de planos de ter o futebol de campo que era a ideia que me prendia lá, o treinador começou a nos tratar muito mal, quase não conversávamos com ele, nesse tempo eu comecei a engordar muito, fiquei lá por volta de 6 meses quando decidi então voltar embora, achando que meu sonho tinha então acabado ali porque não existia mais a escolinha na minha cidade.

Um tempo depois surgiu então um treinador que selecionava alguns meninos como uma peneira, preparava eles e levava pra alguns clubes. Um “namoradinho” de escola me falou sobre essa oportunidade e eu logo falei pro meu pai e fomos tentar novamente, esse treinador gostou de mim e depois de um tempo me preparando fui pro Kindermann- SC fazer um teste. Passei no teste e até que um dia eles precisavam de espaço pra novas meninas no alojamento e eu acabei sendo dispensada, foi mais um dos piores dias da minha vida, tentei de várias maneiras ficar, mas não foi possível. Fiquei lá mais ou menos 5 meses, tinha 14 anos e voltei pra casa, continuei treinando e no ano seguinte eu e esse treinador viemos pra São Paulo tentar no Centro Olímpico e na Ferroviária que era muito conhecida pelos títulos que tinha ganhado em 2013.

Lembro que chegamos em São Paulo de madrugada e não conseguíamos hotel porque eu era menor de idade e ele não era meu familiar, eu fiquei com muito medo de precisar dormir na rua ou algo do tipo, até que conseguimos um hotel pra ficar.

Fomos então no Centro Olímpico fazer o teste e passei, só que eles não alojavam as meninas, eu teria que me virar pra morar em SP sozinha e mesmo que eu quisesse meus pais não tinham condições para isso. Partimos então pra

Araraquara, fiquei uma semana fazendo avaliações e passei, só que novamente o clube não oferecia alojamento para a idade que eu tinha.

Depois de conversar muito com meu pai resolvemos tentar ficar em Araraquara, mas, seria a última tentativa porque ele não tinha mais condições de pagar viagens pra testes , hotel e tudo mais , se não desse certo eu voltaria pra casa e aí sim eu desistiria do sonho de jogar futebol.

Eu e esse treinador fomos então atrás de um lugar pra ficar e o que tinha mais em conta era uma pensão que tinha só um quarto, uma TV e uma cama, o banheiro ficava do lado de fora que precisava dar a volta na rua pra ir, lavava as roupas na mão e secava no quarto mesmo, até que um dia no treino algumas meninas do time adulto foram treinar com a gente e dentre essas meninas tinha a Marina e ele me falou que precisava de mais alguém pra dividir o apartamento com ela e a Mônica, eu na hora sem pensar duas vezes topei, fiquei mais ou menos duas semanas morando nessa pensão e me mudei pra morar com elas, isso era maio de 2014 mais ou menos, quando chegou no final desse ano eu vim pra casa de férias e fiquei na expectativa se eles iam me querer pro próximo ano ou não, só tinha um detalhe, meu pai não estava conseguindo mais pagar todas as contas de casa e as minhas ainda pra manter apartamento, alimentação e tudo mais, mesmo dividindo com elas, até que tivemos a ligação da Ferroviária e disseram que me queriam pro próximo ano e que eu teria um lugar no alojamento recebendo 200 reais, aí foi um dos dias mais felizes da minha vida, eu tinha conseguido em fim começar realmente uma carreira no futebol.

Já em 2015, tive a minha primeira convocação pra seleção sub 20, fui campeã da Libertadores, tudo isso no meu primeiro ano no time profissional, claro que sempre com muitas dificuldades porque o clube não oferecia tanta estrutura como temos hoje, tínhamos que treinar de manhã com o time adulto, a tarde com a base e ainda estudar a noite, tudo isso quase sempre de bicicleta, muitas vezes carregando umas às outras, várias vezes dormia na carteira da escola porque estava cansada, porém, a cada ano me dedicando muito, o salário foi melhorando, títulos e convocações pra seleção sub 20, a estrutura de clube também melhorou e isso foi me ajudando cada vez mais.

Hoje antes de entrar em campo sempre levo pro vestiário um terço que minha mãe me deu, faço uma oração de joelhos agradecendo cada oportunidade e pedindo proteção a Deus, e sempre que eu tenho alguma insegurança ou medo me lembro de onde eu vim e tudo que eu e minha família já superamos pra chegar até ali.

Cada título ganho tem um sentimento e um aprendizado diferente, todos são importantes, até mesmo os de menor expressão que por muitas vezes me deram uma bagagem que títulos “grandes” não proporcionaram.

O futebol me ensinou que muitas vezes o crescimento de valores e caráter que você absorve durante uma competição às vezes valem mais que o título propriamente dito, e isso é a minha maior conquista durante todo esse tempo no futebol, poder me deitar a noite e dormir tranquila sabendo que dei tudo de mim, que fiz o meu melhor, sem querer ser melhor ou passar por cima de alguém.

Espero que o futebol feminino continue evoluindo, continue crescendo, realizando cada vez mais sonhos de meninas que tem o mesmo sonho que eu tinha com mais oportunidades, que o futebol feminino seja exemplo de um futebol sem violência, de um futebol que você possa levar sua família sem medo pra assistir um clássico, com cada vez mais visibilidade e apoio.

NICOLY

Nicoly Aprígio da Silva

Comecei a jogar futebol com 7 anos numa escolinha da prefeitura perto de casa, mas antes disso assistia minha tia jogando futsal, acompanhava o meu tio em campeonatos amadores e jogava na rua, e num rapadão também com a galera do bairro, o futebol sempre esteve presente.

No começo era só pra fazer um esporte, minha mãe entendia que isso era bom pro corpo e pra mente. Meu avô me deu minha primeira chuteira, meu pai se sentia, e se sente, super orgulhoso de ter uma filha que joga futebol, minhas avós adoravam me ouvir falando sobre os jogos, meus primos gostavam de me assistir, aliás, eu só fui pra escolinha de futebol porque o meu primo foi e me levou junto, meu irmãozinho me acompanha em todos os jogos e adora treinar comigo, minha irmã me admira por tudo o passei e conquistei. Eu contei com o apoio de muitas

pessoas em todo o processo, desde quando eu só ia brincar no campo, sem pensar ou sonhar em ser jogadora, isso não passava na minha cabeça, até porque as minhas referências de quando eu comecei a jogar eram só de homens, não sabia que existia o futebol feminino, sabia da Marta, mas ela jogava fora do país.

Continuei jogando, me sentia bem fazendo isso, não via a hora de chegar os dias de treinos e jogos, os meninos da minha equipe gostavam de me ter no time, eles me defendiam quando me chamavam de Maria macho ou quando falavam que futebol não era pra meninas, claro que só falavam isso quando viam que eu sabia jogar, antes disso eu não era um problema pro time adversário. O preconceito não me fez pensar em parar, eu sabia que não estava fazendo nada de errado, só estava jogando futebol, e pessoas incríveis a minha volta reforçavam isso também.

O tempo foi passando, encontrei outras meninas que também jogavam e mesmo em times opostos a gente torcia umas pelas outras, até que com 13 anos fui convidada a fazer parte da Ferroviária sub15 e sub18, joguei contra times que eram formados só por meninas, aquilo era uma descoberta pra mim, e o que era só por brincadeira estava ficando sério e isso não estava nos planos da minha mãe, que se preocupava muito com os estudos e mesmo não tendo condição, se organizava em tudo que podia financeiramente para pagar a escola particular, o combinado era aproveitar a qualidade do ensino pra passar numa faculdade pública ou conseguir bolsa na particular e depois que eu começasse o ensino médio o foco era só estudo. E exatamente no ano em que eu começaria o ensino médio subi para o time principal da Ferroviária e fui convocada para a seleção sub17, esse momento foi crucial para que eu deixasse de ser apenas uma praticante do esporte para me tornar uma atleta. Foi necessário uma conversa da comissão e diretoria com a minha mãe para que ela compreendesse o cenário do futebol feminino, a evolução e que poderia ser a minha profissão, eles conseguiram.

Apesar dos treinos e viagens, consegui conciliar escola e futebol, estudando o dobro porque perdia as aulas da tarde por causa dos treinos e dias de aula com as viagens com o time, a escola também entendeu o momento e permitia que eu remarcasse as provas, entregasse e apresentasse trabalhos valendo nota de presença, foi puxado porque eu ganhei a bolsa nessa escola assim que fui pro primeiro colegial e tinha que tirar boas notas pra mantê-la, mas valeu a pena!

Hoje eu sou muito feliz por estar jogando, por ter continuado mesmo com dificuldades e incertezas, tive o privilégio de representar minha nação em um campeonato mundial, conquistei títulos representando o time da minha cidade, mas nada se compara ao ver minha família e amigos enchendo a boca pra falar da minha profissão, sim, eles não tem vergonha nenhuma, muito pelo contrário, eles falam com muito orgulho que sou atleta profissional de futebol! Pro meu irmãozinho e sobrinho de 8 e 7 anos é normal me ver jogando, eles não foram ensinados que o futebol é só para meninos ou que fere a natureza da mulher, essa é uma conquista enorme pra mim. E aquela preocupação que minha mãe tinha em relação ao meu futuro não existe mais, depois daquela conversa com o pessoal da Ferroviária, ela, que é exemplo de luta e superação, me incentivou a ser melhor todos os dias naquilo que me propus a fazer, vai aos meus jogos vestindo a camisa com meu nome e sempre me passa o feedback do que fiz de bom no jogo e o que posso melhorar, quando eu cogitei parar de jogar ela não deixou, me lembrou da dedicação que tive.

Eu amo jogar futebol e é um prazer fazer parte de uma modalidade que continua lutando e crescendo no nosso país, é uma vitória diária e faz valer a dedicação e a resiliência das que estiveram nesse campo antes de mim! E não só no futebol, mas em todas as esferas, o futebol feminino também é a voz da mulher na sociedade. A nossa luta continua, já quebramos muitas barreiras, mas temos outras a quebrar

RAFA MINEIRA

Rafaela Cristina Silva Pereira

Das poucas vezes que falou, foram em momentos na qual ela não tinha por onde escapar, como, por exemplo, quando eleita a melhor da partida nos jogos, aí não tem como fugir das entrevistas.

Por mais que as palavras sejam poucas, a história pediria mais espaço para ser contada. De fato, a Fonte Luminosa é o celeiro de boas memórias para Rafa Mineira.

A dona da bola parada da Ferroviária é também a história mais completa, ainda em atividade, no time grená. A jogadora é a única a participar de todas as nove estreias da Ferroviária no Brasileiro Feminino. Formada nas categorias de

base do clube, Rafaela Cristina Silva Pereira estreou na equipe profissional com apenas 15 anos e oito meses, no Paulista Feminino de 2011. Até hoje é a jogadora mais jovem a estrear com a camisa grená no profissional.

A meio-campista atua no campeonato nacional desde a primeira edição das Guerreiras Grenás, em 2014, além disso, disputou todas as seis participações da Libertadores Feminina (2015, 2016, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Coragem de sobra!

ANINHA

Ana Clara Bigeschi Corrêa

- Como foi seu início no futebol:

Meu início no futebol foi no futsal na verdade, eu falei para os meus pais que queria jogar e eles me colocaram em uma escolinha de futsal. Depois disso, fui chamada pra fazer um teste na ferroviária, no futebol mesmo, passei e estou treinando agr hoje nas categorias de base!!

- Quem mais te apoiou nesse processo:

No começo, quando eu falei para os meus pais q eu queria jogar bola, quem mais me incentivou foi meu pai… porém depois de ver q era isso mesmo q eu queria e que eu poderia ter um futuro no esporte, minha mãe se tornou (junto do meu pai) a minha maior apoiadora!!!

- Fases difíceis e se sofreu algum preconceito pela profissão:

Uma fase difícil pra mim no futebol, foi quando eu tive uma lesão grau 2 no adutor. Fiquei 4/5 semanas parada e com isso perdi o campeonato brasileiro sub20, isso me abalou bastante mas com treinamentos e foco voltei aos treinos bem e disposta a dar meu melhor pela equipe.

E eu nunca sofri um preconceito muito explícito por conta do futebol, mas já escutei diversas frases que contém um micro machismo como “ah tem certeza que vc quer jogar bola?? não acha q esse esporte é muito bruto pra uma mulher??” entre diversas outras!

- Maiores desafios para se consolidar no futebol:

Me consolidar na equipe profissional da ferroviária, chegar a seleção principal e jogar em um time da Europa!!

- A primeira memória com o futebol:

Minha primeira memória no futebol com a ferroviária, foi um festival sub14 que ganhamos em dezembro de 2019!!! E com certeza uma das mais importantes pra minha carreira foi a minha primeira convocação pra seleção sub17

- Hoje, quando você entra em campo, o que você sente:

Quando eu entro em campo, eu sinto aquele friozinho na barriga de ansiedade e nervoso kkkkk Me sinto leve e sinto gratidão por estar fazendo o que eu amo em um lugar de referência no futebol feminino!!!

- O que você não pode deixar de fazer antes de entrar em campo:

Rezar. Eu sempre rezo antes de algum jogo!!!! E no momento exato de entra no campo, eu faço três vezes o sinal da cruz e agradeço por mais uma oportunidade de fazer o que eu mais amo!!

- Qual sua maior conquista, tanto profissional quanto pessoal, dentro do futebol:

Minhas maiores conquistas profissionais dentro do futebol foi assinar meu primeiro contrato profissional com a ferroviária logo após completar 16 anos, ser convocada durante um ano inteiro para a seleção sub17 e conquistar o título da liga evolucion sub16 (a libertadores da categoria) e minha maior conquista pessoal dentro do futebol segue sendo a forma como eu aprendo a me entender dentro e fora de campo e me desenvolvo a cada dia mais nos treinamentos e jogos!!!

- O que você espera do futuro do futebol feminino:

Eu espero reconhecimento!!!! Espero que as pessoas torçam tanto para o futebol feminino quanto torcem para o masculino. Espero que as mesmas competições feitas para o futebol masculino seja feita para o feminino também!!

ALINE GOMES

Aline Gomes Amaro

“No lugar certo, na hora certa”.

Uma menina que embarcou para a capital de São Paulo, aos 13 anos, em busca do sonho de ser jogadora de futsal no clube de coração, voltou rapidamente à mãe, para o interior do estado, depois de perceber que não dividiria mais a casa com dois irmãos mais velhos, e sim com meninas sete anos mais velhas que ela. Passou a ter certeza que não ficaria depois que, sem ver e perceber que ela estava sentada, encolhidinha no canto, o treinador falou: "tem meninas que vem aqui que não tem vontade, que não querem ser jogadoras, que tem medo, que é filha de

mamãe, que vê isso aqui e treme, foi o que aconteceu com a menina que veio lá de Tabatinga".

Imagina a infelicidade desse professor ao ver hoje Aline Gomes Amaro, uma das jogadoras mais promissoras do futebol brasileiro brilhando pelos campos do mundo.

O 'Diamante Grená' foi garimpado em uma seletiva da Ferroviária. Se tornou a mais jovem a marcar um gol pelo clube em uma edição do Brasileiro Feminino, em 2021, aos 16 anos, um mês e oito dias. Além de tudo, o gol deu a vantagem para as Guerreiras nas quartas de final da competição, contra o Santos, de Cristiane. Ela já havia estreado pelo profissional contra o Flamengo, pela última rodada daquela edição, ainda com 15 anos, entrando no decorrer da segunda etapa.

Aline começou a se destacar com a camisa grená na disputa do Paulista Feminino Sub-17, em 2020, quando foi artilheira com cinco gols marcados, disputando também as edições do Brasileiro Feminino Sub-16 e Sub-18 daquele ano. A partir daí, começou a ser convocada para a seleção brasileira feminina Sub-17, encerrando 2022 com uma medalha de ouro no Sul Americano, em março, e a disputa da Copa do Mundo da categoria, na Índia, onde as brasileiras se despediram nas quartas de final.

Pela Ferroviária, Aline conquistou a Liga de Desenvolvimento Sub-16, em dezembro de 2021, que garantiu as Guerreirinhas na disputa da Fiesta Evolución da categoria, disputada posteriormente no Paraguai. Em julho de 2022, presenteou os torcedores afeanos com o primeiro título da base da Ferroviária, comemorado na Fonte Luminosa, ao marcar o gol da final do Paulista Feminino Sub-20, contra o São Paulo, aos 35 minutos da segunda etapa.

Logo depois – e quando eu digo logo depois, foi literalmente após a conquista do estadual – Aline Gomes seguiu rumo a Costa Rica, onde conquistou o terceiro lugar da Copa do Mundo Sub-20. Ela esteve apenas nas duas convocações que antecederam a disputa, em uma delas ficando marcadas também pela passagem de aniversário de 17 anos na Granja Comary, durante os treinamentos preparatórios. O Mundial Sub-20 não só rendeu o bronze, como também os olhares atentos da multicampeã e técnica da seleção brasileira principal, Pia Sundhage.

APÊNDICE C – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM E VOZ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO – MENOR DE IDADE

Pelo presente qualidade instrumento, os signatários de representantes abaixo firmados e identificados, na legais/assistentesdo menor autorizam, graciosamente, a ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, no 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar a imagem e voz do referido menor, para fins de participação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), **Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas,** desenvolvido pela aluna do Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO UNAERP, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP, sem limitação de tempo ou de número de exibições. Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a imagem e voz do menor, pela ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, da forma que melhor lhes aprovarem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Assinatura: _____

Nome (responsável legal): Marcio Antonio Correia

Nome (menor de idade): Ana Clara Bigaschi Correa

Araraquara, 21 de Novembro 2022.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO – MENOR DE IDADE

Pelo presente qualidade instrumento, os signatários de representantes abaixo firmados e identificados, na legais/assistentesdo menor autorizam, graciosamente, a ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, no 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar a imagem e voz do referido menor, para fins de participação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), **Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas,** desenvolvido pela aluna do Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO UNAERP, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP, sem limitação de tempo ou de número de exibições. Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a imagem e voz do menor, pela ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO, da forma que melhor lhes aprovarem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Assinatura: Zilma Gomes

Nome (responsável legal): Zilma Gomes Ferreira Cunaro

Nome (menor de idade): Celine Gomes Cunaro

Araraquara, 22 de novembro 2022.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 22 de novembro de 2022.

Vanessa C. Catanio

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 23 de novembro de 2022.

Nicoly Aparecida da Silva

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 23 de Novembro de 2022.

Susana

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

23, de Novembro de 2022.

Rafaela Cristina Silva Pinto

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 23 de novembro de 2022.

Liliana S. Menegardo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 23 de novembro de 2022.

Ana Maria B.D

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Ribeirão Preto, 23 de Novembro de 2022.

Daiane Rodrigues

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente **a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito,** constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade de Ribeirão Preto, a seguir discriminado:

Projeto de produto midiático – Fotolivro virtual: As marcas das jogadoras de Futebol Feminino da Ferroviária: Como Nunca Vistas

Cárila Covas; COVAS, Cárila
Prof. Dr. Jefferson Alves de Barcellos; BARCELLOS, J. A.

Retratar, através da fotografia, a história de jogadoras da Ferroviária SAF.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Araraquara, 23 de Novembro de 2022.

Jessica do Nascimento